

B

E



2020 - 2021

MASCULINIDADES EM DIÁLOGO



L

A

3 ELÃ: chão para sonhar e materializar

Isabela Souza e Jean Carlos Azuos

4 A aposta nas artes

Andréa Gill e Marta Fernández

6 Uma experiência de criação do presente

Gleyce Kelly Heitor

8 Diálogos sobre agenciamentos

Luiza Mello e Marisa S. Mello

10 Um Educativo que transborda

Napê Rocha

13 A exposição

MASCULINIDADES EM DIÁLOGO

Observatório de Favelas e Automatica

14 Artistas

15 Abimael Salinas

17 Ana Bia Novais

19 Davi Pontes

21 Loo Stavale

23 morani

25 Patfudyda

27 Paulo Vinicius

29 Pedro de Moraes Barroso

31 rafael amorim

33 Rafael Simba

36 Simonne Silva Alves

38 Taísa Vitória

39 Ficha técnica

ELÃ: chão para sonhar e materializar

Isabela Souza e
Jean Carlos Azuos

Quantos alicerces são necessários para estruturar a Utopia de uma escola livre de artes sediada em um galpão que há dez anos insiste em marcar favelas e periferias como territórios da arte e as artes como ferramentas para visibilizar sujeitas/os, territórios e vivências periféricas?

Certamente muitos! No caso da ELÃ, os alicerces vêm sendo construídos a partir de parcerias institucionais generosas, que comungam do desejo de fomentar que as formas de significar cidade, favela e arte sejam multiplicadas a partir do protagonismo ativo de sujeitas/os e territórios periféricas/os; além destes, que são materializados a partir de institucionalidades, nossos alicerces têm autorias, são nossa equipe, as/os artistas e nossos públicos.

Não existe Utopia sem coletividade, sem envolvimento comunitário para que o sonho comum se institua como realidade. Em 2011, inauguramos o Bela como primeiro passo rumo a esta Utopia; com a ELÃ, damos um novo passo

nesta direção. A Escola organiza inspirações amplas no campo da formação e reúne aparatos fundamentais para que sigamos investindo na arte como campo de experiência e disputa na contemporaneidade: lugar possível de diálogos de jovens artistas moradoras/es de favelas e periferias da metrópole fluminense e de consolidação de corporeidades de interlocutoras/es e suas territorialidades, estéticas, dissensos, desvios e projeções coletivas.

O exercício de construir sentidos e práticas para nossa Escola Livre de Artes a partir de encontros instituídos no Galpão Bela Maré (Nova Holanda, Maré, Rio de Janeiro, Brasil) em 2021 nos parece uma certa insistência da afirmação de um projeto comum que emerge como fissura ao que está colocado em termos de conjuntura, um exercício coletivo de resgatar pela ação matrizes fundamentais para aquilo que é urgente refletir, formar, produzir e difundir para e nos circuitos brasileiros de artes. É preciso permear pensamentos e práticas de possibilidades que apontem para outros presentes e também futuros possíveis nas convivências e conciliações existenciais e afetivas das muitas subjetividades.

Por aqui, vamos seguir estruturando coletivamente, e a partir do Observatório de Favelas, pedagogias centradas em genealogias decoloniais, feministas, racializadas e territorialmente plurais para que se estabeleçam agenciamentos, criações, desejos, apostas e presenças outras, bem como alicerces sólidos, propositores de chão e firmeza para os pés daquelas/es que sonham pela arte.



A aposta nas artes

Andréa Gill e Marta Fernández

O sonho de uma escola livre de artes nos acorda para múltiplas dimensões de movimentos que lutam por uma sociedade que se firma no respeito de nossas plenas e iguais humanidades.

Movimentos que criam e recriam cotidianamente as possibilidades de seguir, para além do espelho dos padrões, normas e pactos narcísicos, pautados em uma hierarquia de formas de ser, saber e poder no mundo. Nos espectros de um país fundado no ato colonial, escravagista e patriarcal, em crise permanente.

Nas reelaborações de nossos repertórios contracolonizadores, as artes se

materializam como um caminho para gerar conceitos, proposições e diálogos políticos, estéticos e culturais que assumem sua força nas brechas e fissuras de sistemas de classificação instrumentalizados para a reprodução da ordem dominante. Mais do que ferramentas ou modos representativos, as artes nos apresentam a outros sentidos de mundos.

É nesse fluxo que as redes nacionais e internacionais do Global GRACE, que buscam enfrentar violências e desigualdades vigentes no Sul global, afirmam uma parceria que se nutre da colaboração entre pessoas artistas, curadoras e produtoras, com pessoas educadoras, pesquisadoras e articuladoras de organizações da sociedade civil. O objetivo é renovar a aposta em projetos plurais e libertadores, potencializando os agenciamentos de cada campo e construindo a infraestrutura necessária para uma autonomia coletiva.

Desta forma, as equipes – educativa, curatorial, de produção e parcerias das

mais diversas – e as doze pessoas artistas-residentas da turma 2020/2021 da ELÃ nos interpelam a refazer os termos de debates públicos, investigações e incidências no escopo das desigualdades e violências interseccionais que conformam a sociedade brasileira. Produzem arquivos e sistemas de referência compostos em primeira pessoa que refletem as narrativas e demandas em disputa. Rearticulam redes de ação e afeto que atravessam territórios corporificados, desobstruindo rumos e velhos hábitos de ver e viver enrijecidos. Alargam nossos imaginários e horizontes de convivência.

Como colocado pela equipe do Galpão Bela Maré nas ações poéticas e progra-

mação educativa paralela que se basearam no projeto expositivo, perante as hierarquias herdadas de humanidade, é preciso relocalizar nossa fonte de inspiração e estratégia, nos perguntando: *Onde mora o seu encanto?*

E, com essa indagação, para além das identificações e desidentificações com aquilo que nos oprime, podemos soltar nossa imaginação, nosso rol de perguntas e respostas prontas e nos dispor a forjar caminhos que tomam raiz nas realidades vividas, como cada obra-testemunha da exposição MASCULINIDADES em DIÁLOGO aqui manifesta, em um gesto sincero de partilha.



Uma experiência de criação do presente

Gleyce Kelly Heitor

Espera-se que toda experiência de formação promova aprendizados mútuos. Neste sentido, é possível dizer que cada nova edição da ELÃ nos forma, à medida que o projeto se concebe e é experimentado. Que seus temas, turmas e exposições compõem um conjunto de saberes e repertórios que nos redefinem, como profissionais e instituição. Esse caráter duplamente formador do projeto ganhou novos contornos, uma vez que a edição 2020/2021 foi realizada no contexto da pandemia de Covid-19.

Havíamos decidido que, a partir desta edição, a ELÃ seria experimentada como uma residência formativa – e não um curso. Com isso, queríamos reafirmar a importância do Galpão Bela Maré e do território como espaços específicos e favoráveis às trocas e à criação. Residência na qual artistas, educadoras, produtoras, gestoras, curadoras e comunicadoras seriam implicadas em processos de escutas, observações, debates e fricções, que resultariam na avaliação permanente do que sabemos, do que precisamos saber e do que é urgente desaprender, contribuindo assim

para a revisão e transformação estrutural do complexo e ainda restrito campo da arte.

No entanto, iniciamos o ano sem dimensionar o rápido alastramento da Covid-19, que, ao tomar proporções globais, afetou diferentes áreas do convívio social. Em março de 2020, nas primeiras reuniões para definição do escopo metodológico e conceitual da segunda edição da ELÃ, achávamos que a emergência sanitária duraria o tempo de uma chamada pública. Fomos pegas de surpresa.

Foi necessário (re)definir ao longo do ano *se, como e quando* seria possível realizar a residência. Tínhamos como consenso que a falta da experiência presencial poderia comprometer aquilo que é central ao projeto: a ELÃ como uma escola que nos convoca a compor coletivo. Chegamos ao formato híbrido, que, com as novas ondas de contágio, no ano de 2021, foi revisto para uma experiência totalmente digital.

Essas mudanças de formato poderiam ser abordadas como o principal aprendizado da ELÃ – pois foram arranjos que nos apresentaram inúmeros desafios, que iam desde a exclusão digital até o cansaço das telas. Mas falar apenas disso seria insuficiente perto da importância da escola, naquilo que darei o nome de experiência de criação do presente. A pandemia revelou ao menos dois estados de ânimo no campo da arte: o desejo de retorno ao “como era antes” e a concentração de parte das nossas forças na imaginação do “pós-pandemia” e das providências para entrar no “novo normal”.

Se, historicamente, as condições para se assumir e ser legitimada como artista não são distribuídas igualmente, vimos a situação de informalidade e instabilidade das artistas agravadas durante este período. Com a suspensão de ações que estruturam o nosso precário circuito de artes – exposições, feiras, residências, prêmios –, as pessoas se viram sem perspectiva para lidar com necessidades imediatas, tais como comer e pagar as contas. Como arquitetar futuros sem as condições de agir no presente?

Estar em coletivo, abrir espaços de debate, criar junto, contar com o olhar do outro para aquilo que me é caro, ter de quem estar perto. A ELÃ reafirma a cada edição sua importância no campo da formação de artistas, ao defender que esse fazer articula dimensões poéticas, políticas e sociais. Eu diria, portanto, que realizar a ELÃ, no momento em que parecia que a única saída era investir nossos desejos no futuro impreciso, foi sobretudo um modo coletivo de produzir, disputar e sustentar um projeto de presente – para a arte, para as artistas, para as instituições culturais implicadas. Juntas, demos um sentido à ideia de que, naquele momento, tão importante quanto ter futuro era viver uma experiência de criação do presente.





Diálogos sobre agenciamentos

Luiza Mello e Marisa S. Mello

“Agenciamento” é um dos temas de interlocução na ELÃ, voltado para a identificação dos agenciamentos das trajetórias das/dos/des artistas participantes. Os encontros foram um espaço de leituras dos trabalhos, uma reflexão sobre o contexto de artistas e suas obras e sua inserção em circuitos de arte.

“Agenciar”, segundo o dicionário, significa trabalhar com dedicação para obter ou alcançar um objetivo; ou atuar como intermediário ou agente de algo. Na sociologia, “agência” pode se referir à capacidade de indivíduos agirem

de forma independente e fazerem livremente as suas escolhas. As estruturas, por sua vez, são os fatores que determinam ou limitam um agente e suas decisões.

Para os filósofos Deleuze e Guattari, um agenciamento comporta dois segmentos: de *conteúdo* – um conjunto de relações materiais –; e de *expressão* – um regime de signos correspondentes. Os códigos são relativamente estáveis e tendem a se reproduzir. Ao mesmo tempo, a cada ação que ocorre segundo essas formas socialmente disponíveis, é introduzida uma mudança, um desvio, que gera um desequilíbrio constante na configuração social existente.

Os diálogos sobre agenciamentos com a segunda turma da ELÃ foram conduzidos por Jean Carlos Azuos (curador do Galpão Bela Maré), Luiza Mello e Marisa S. Mello (produtoras da Automatica). Trabalhamos a partir de três formas de agenciamentos. A criação de um espaço de discussão do termo “agenciamento”, considerando que na primeira edição da

Escola aprendemos a questionar *o nome que a gente dá às coisas*. A segunda forma foi a apresentação dos portfólios – portfólios, o nome que a gente dá a um conjunto organizado de trabalhos e/ou percursos artísticos. A terceira foi sobre a produção dos trabalhos e o planejamento da exposição MASCULINIDADES em DIÁLOGO.

Trouxemos às pessoas participantes algumas referências e questões. “O que são e quais são os agenciamentos que constituem as suas trajetórias?” “O que vocês esperam do agenciamento, no contexto de uma Escola Livre de Artes?” Em uma abordagem, o agenciamento – trabalho e poética – é definido como um encontro, uma negociação com o outro. Neste sentido, “agenciar” é criar possibilidades de encontro.

Sob uma segunda perspectiva, o agenciamento também é uma rede de pessoas conectadas e os produtos que podem surgir a partir do coletivo. Seguem aqui alguns dos desdobramentos da conversa:

“Imagino uma rede, teia”;

“O artista periférico precisa se agenciar o tempo todo”;

“Agenciamento é um lugar de fragilidade”;

“Agenciamento é algo que a gente vai aprendendo, as conexões que vamos estabelecendo”;

“Agenciamento como uma possibilidade de encontro”;

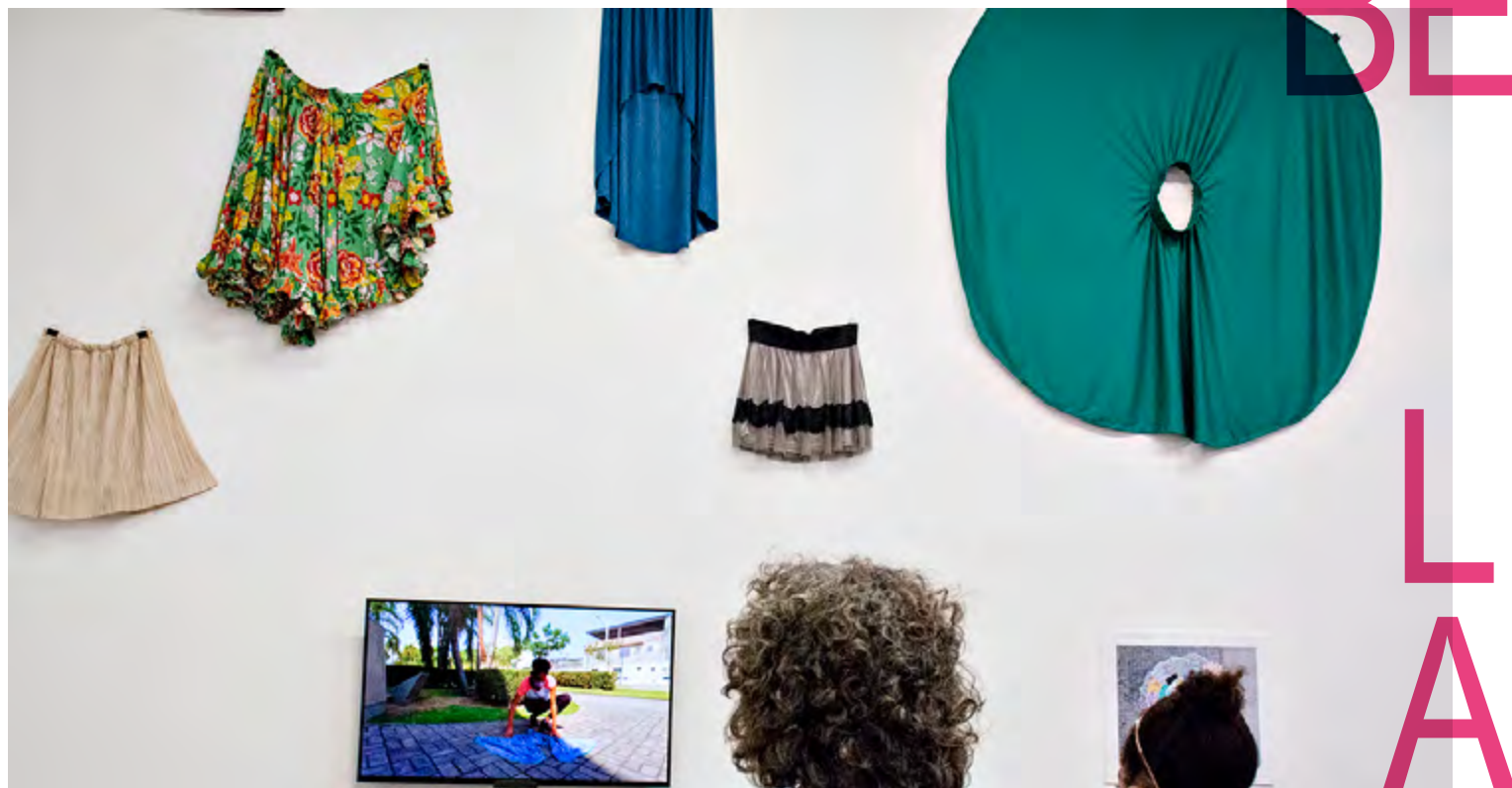
“Agenciamento é uma rede de pessoas conectadas”.

Todas essas formulações são válidas, pertinentes e convocam posicionamen-

tos éticos e políticos em torno das criações artísticas e da inserção nos circuitos de arte.

“Agência” tem a ver com ação e intenção. As respostas manifestaram interesse pelo que é coletivo, então fizemos uma nova pergunta: uma vez que a arte, por si só, é uma ação coletiva, como pensar em atuar de forma ainda mais coletiva? Ao falarmos sobre agenciamento, podemos, portanto, refletir sobre e tensionar as próprias bases do sistema cultural: produção, circulação e consumo. Ao mesmo tempo, podemos criar redes, estimular autorias coletivas e atuar no circuito de exposições, residências, eventos e vendas.

Os diálogos sobre os agenciamentos permearam toda a formação, tanto nos encontros de interlocução que aconteceram ao longo do processo, quanto em conversas individuais e coletivas com as pessoas artistas. Esperamos que essas reflexões continuem a reverberar nas trajetórias de todas/todos/todes, nos mantendo em movimento e gerando novos questionamentos sobre “o que são e quais são os agenciamentos que constituem nossas trajetórias”, e como nos posicionamos diante deles.



Napê Rocha

Educadora no Galpão Bela Maré

O Educativo é parte vital de um projeto de exposição que deseja tecer diálogos dinâmicos com seus públicos. Aqui, porém, não se trata de uma mostra com o fim único de exibir obras de jovens artistas. Ela é resultante, sim, de um intenso e rico processo de formação coletiva e deve continuar propiciando trocas em sua abertura aos públicos. Por isso, o Educativo não é, jamais, negligenciado.

O foco da ELÃ está nos processos artístico-pedagógicos e, dessa maneira, o Programa Educativo do Galpão Bela Maré esteve presente na amplitude da formação, acompanhando internamente os *Laboratórios* dos eixos *Percurso*, *Corpos*, *Materialidades*, *Agenciamento e Desenvolvimento de Exposição* e, paralelamente, as *Interloquções* com

os grupos de artistas-residentes. Essa presença possibilitou uma visão panorâmica tanto dos processos de criação, da poética e elaboração dos trabalhos de cada artista, quanto dos conceitos que balizaram o percurso formativo, assim como o tema “Construindo masculinidades outras”, que costurou os entremeios da formação.

Diante das necessidades do tempo presente, o Programa Educativo elaborou uma programação híbrida que contou com atividades nas redes sociais do Bela Maré e presenciais no Galpão. Partilhemos com os públicos as nossas já consolidadas metodologias – *Encontro entre Multiplicadores*, *Espaço de Leitura Indica*, *Espaço de Leitura Contação*, *CineBela e Ação Poética*. Em sincronia, oferecemos *Visita Mediada* em dois dias da semana, quintas e sábados, para públicos reduzidos.

Em um contexto de muitas perdas, ainda há espaço para a reinvenção de estra-

tégias de aproximação e metodologias educativas. Provocadas pela abertura da exposição MASCULINIDADES em DIÁLOGO em tour virtual, oferecemos quatro edições de *Visita Mediada* em formato de *live* e que estão disponíveis no YouTube do Bela Maré. A partir de suas pesquisas, cada uma das educadoras que compõem a atual equipe do Programa Educativo teve a oportunidade de experimentar outros percursos para além daqueles propostos no espaço expositivo, apresentando outras narrativas e ativando outros discursos.

Nunca é demais ressaltar que a programação do Educativo nesta exposição é resultado de um esforço coletivo, de muitos desejos conciliados e organizados para materializar uma programação que considerou todo o acúmulo do processo formativo da ELÃ – que também nos forma, e muito – e que transbordou a experiência estética propiciada pela curadoria da exposição.

B
EL
A



MASCULINIDADES EM DIÁLOGO

Exposição:

De 13 de maio a 12 de junho 2021

Visitação:

Quintas e sábados, das 12h às 18h:

Público espontâneo - até 30 pessoas por hora

Visitas mediadas (até 8 pessoas por grupo):

Sábados, 14h às 15h e 16h às 17h

Galpão Bela Maré

Rua Bittencourt Sampaio, 169 - Maré

Artistas

Abimael Salinas

Ana Bia Novais

Davi Pontes

Loo Stavale

morani

Patfudyda

Paulo Vinicius

Pedro de Moraes Barroso

rafael amorim

Rafael Simba

Simonne Silva Alves

Táisa Vitória

APOIO INSTITUCIONAL:



Itaú Cultural



APOIO:

Somambola:
filantropias

PARCERIAS:



UNIDIVERSIDADES



CBS



UK Research
and Innovation

PRODUÇÃO:



REALIZAÇÃO:

OBSERVATÓRIO
DE FAVELAS

BE
LA
MARÉ

GLOBAL Grace

MASCULINIDADES EM DIÁLOGO

Observatório de Favelas e Automatica

Concebida na perspectiva de um experimento artístico-pedagógico, a ELÃ – Escola Livre de Artes apresenta os resultados de sua segunda edição. A temática 2020-2021 está inserida no contexto das ações brasileiras do Global GRACE, realizado em parceria com o Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio, a UNI-periferias, o Promundo e o Observatório de Favelas, e organiza diálogos e reflexões transversais em torno das masculinidades.

A exposição aqui apresentada se configura a partir das poéticas, desdobramentos das investigações e inquietações das pessoas artistas, seus processos, dinâmicas e intencionalidades estéticas. A composição e o arranjo das obras derivam dos exercícios e das descobertas das convivências, interlocuções e contaminações entre si, realizados em encontros sobre conceitos, percursos, corpos, materialidades e agenciamentos.

Os trabalhos que compõem a mostra estabelecem no espaço campos de imantação, ressonâncias, diálogos com plurais vivências e territorialidades do masculi-

no. As costuras entre estética e política tensionam as hierarquias e as concepções de tipos fixos de masculinidades. Nas linguagens artísticas, é possível passear por instalações, pinturas, fotografias, videoperformances, gravuras e outras projeções de formatos e realidades. As propostas confluem, desestabilizam e ampliam percepções, aprofundando os olhares e estendendo debates para as compreensões das masculinidades em devir, a partir de abordagens que lidam com as desigualdades de gênero, raça e territorialidades.



ARTISTAS





Herança banhada, 2021
Vídeo, Bíblia e púlpito
Dimensões variáveis

Abimael Salinas



Abimael Salinas

Rio de Janeiro, 1994
@abimaelsalinas

Artista visual, videomaker, fotógrafo e astrólogo.

Nascido e criado na comunidade do Acari, Abimael encontrou em suas raízes potências e forças para abrir caminhos e traçar o mundo. Através de sua vivência como indígena em contexto urbano, entrelaça seus processos artísticos nas artes visuais com a luta indígena.

Em seus trabalhos usa técnicas como colagem digital, fotografia e performance, conectadas com suas tecnologias ancestrais. O artista procura unir a temática de gênero e sexualidade, a partir da cultura indígena.

Fundou, em 2018, com mais quatro artistas o coletivo Humanização no Asfalto, que trabalha com a luta LGBTQi+ no subúrbio do Rio de Janeiro. Atualmente, coordena o audiovisual do coletivo indígena de arte-educação Azuruhu.

Participa, de dezembro de 2020 a junho de 2021, da exposição coletiva no pátio São Bento, *Desejos para agora e para o futuro*, com uma de suas colagens. Em 2021, integra a exposição online *Presença*, com 12 artistas LGBTQi+ do estado do Rio de Janeiro.

BB
EE



LA



Onde mora o feminino, 2021
Da série Rosa para meninos
Fotografia instantânea, linha e materiais
diversos
Díptico, 70 x 50 cm (cada)

Essa é a voz, 2021
Da série Rosa para meninos
Áudio

Mundo cor-de-rosa, 2021
Da série Rosa para meninos
Tecido
180 x 70 cm (aprox.)

Ana Bia Novais

Ana Bia Novais

Rio de Janeiro, 1992
@abnovais

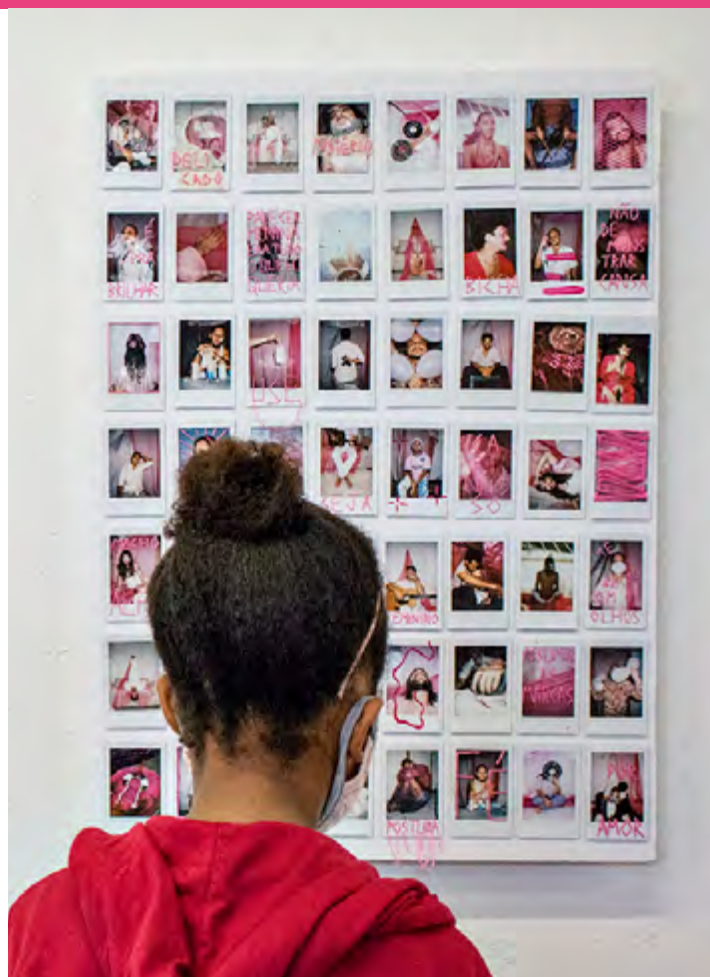
Artista visual, tem a fotografia como base de seu trabalho e produz intervenções com colagem digital e bordado. Recentemente experimenta também a expressão através de instalações e áudios. Formada em Comunicação Social e pós-graduada em Fotografia e Imagem pelo IUPERJ.

Moradora de Ricardo de Albuquerque, Zona Norte carioca, encontrou, ainda na adolescência, o autorretrato como ferramenta de aprendizado e investi-

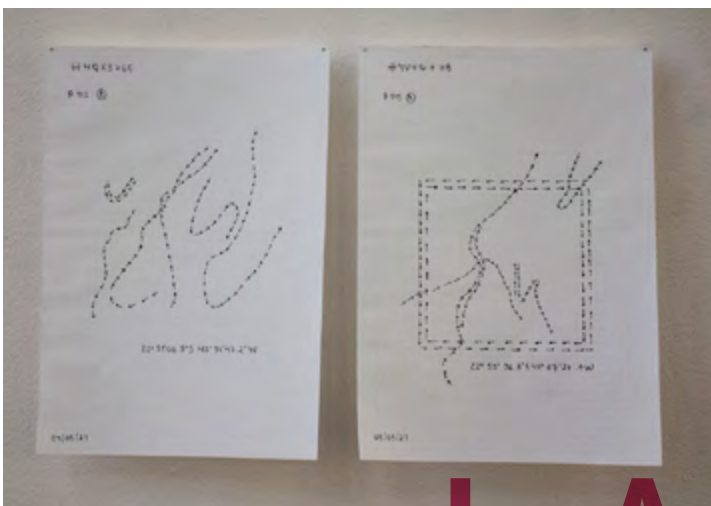
gação do corpo e das técnicas fotográficas. Atualmente utiliza como referência a trajetória de corpos e objetos quase sempre periféricos, promovendo novos encontros e narrativas que, muitas vezes, ressignificam e deslocam a história de si, das pessoas que fotografa e dos territórios que observa.

Interessa-se por temas relacionados a gênero, política, raça e classe, que se desdobram em sua atuação como educadora, em projetos como o curso de fotografia e arte com recorte de raça e gênero para adolescentes e de fotografia com celular para mulheres empreendedoras, em espaços como o Instituto Mundo Novo, na Chatuba de Mesquita, e a Casa Amarela, no Morro da Providência.

Participou da exposição Poéticas Femininas na Periferia (www.artistaslatinas.com.br/expo-poeticas-fem-na-periferia, 2021) e da intervenção urbana *Todo mundo é fotógrafo*, no 14º Paraty em Foco (2018). Integra o projeto Mulher Cidadã, promovido pela Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Mulher do Rio de Janeiro, onde atua como voluntária.



BE



incerteza ao redor do perímetro de um quadrado, 2021
 Vídeo em loop, 18"

Desenhos coreográficos: 3
 29,7 x 21 cm
 Performers: Iah Bahia e Idra Maria
 Mamba Negra

Davi Pontes

LA

Davi Pontes

São Gonçalo, 1990

@daviponttttes

Artista da dança, coreógrafo e pesquisador. Formado em Artes pela UFF e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Artes (Estudos Contemporâneos das Artes) da mesma instituição. Estudou na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE), na cidade do Porto, Portugal.

A partir de uma pesquisa corporal, sua prática carrega o constante desafio de posicionar a coreografia para responder às suas próprias condições ontoepistemológicas – atender politicamente diante das condições em que

está sendo praticada. O artista tem dedicado a sua prática a aprofundar os conceitos de racialidade, coreografia e auto-defesa e os seus funcionamentos a partir da ideia de arquivo contida na produção da História.

Desde 2016, tem apresentado o seu trabalho em galerias de arte e festivais nacionais e internacionais, como University of Pennsylvania (EUA), Pivô (São Paulo), Centro Cultural de Belém (Lisboa), Galeria Vermelho (São Paulo), Valongo Festival Internacional da Imagem (São Paulo), Panorama Festival (Rio de Janeiro), Artfizz – HOA Galeria (EUA) e como residente no Programa Pivô Arte Pesquisa e no programa de residência Pesquisa em Artes, do MAM Rio, entre outros.





Mamãe é quem matava as baratas lá em casa, 2021

Carimbo sobre tecido

4 peças de 45 x 50 cm (cada)

Loo Stavale

Loo Stavale

Rio de Janeiro, 1990

@loostavale

Artista visual, grafiteira e impressora.

Nascida em Vila Isabel e criada na Praça Seca, Zona Oeste do Rio de Janeiro, foi no contato com culturas musicais das juventudes periféricas que teve seu primeiro diálogo com as artes visuais. O simples olhar para cartazes de shows independentes, capas de álbuns musicais, fanzines, tatuagens e graffiti despertou seus primeiros impulsos criativos e esse imaginário ainda deixa rastro em seu trabalho.

Na graduação em Gravura pela Escola de Belas Artes da UFRJ (2008-2014), teve nos ateliês seu encontro com outros oito artistas, que se reuniram em torno do pensar e fazer gráficos numa conversa com a rua, formando o Coletivo Gráfico. O Coletivo trouxe uma interessante experiência pedagógica em grupo, pois, além das intervenções urbanas, começou a propor sua forma de se relacionar e produzir como um modo de aprender-ensinar. Junto ao Coletivo, ofereceu cursos na EAV Parque Lage, Instituto Moreira Salles, Museu de Arte do Rio, Sesc, entre outros. Desde então, a artista atua também no ensino e no aprendizado da gravura, agregando a experiência como impressora, ofício em que atuou de 2016 a 2020, no Estúdio Baren, no Rio de Janeiro.

Em seu trabalho e atualmente em sua pesquisa de mestrado em Artes na UERJ, partindo da experiência da presença como mulher na cidade, a artista tende a voltar o olhar para o que parece óbvio, numa tentativa de desvendar, ou ao menos expor, alguns mecanismos básicos escondidos por trás das imposições de gênero e sexualidade. Apropriando-se de imagens e narrativas do cotidiano, Loo investiga a dimensão do ambiente doméstico, tão historicamente ligado ao universo feminino, em contraponto com a vontade de transitar e se fazer atuante no ambiente externo, as ruas da cidade.

Participou de exposições coletivas no Sesc Nova Iguaçu (2013), Casa Voa (2018), Galeria Mul.ti.plo (2018), Galeria Aymoré (2021), entre outros.





interregno, 2021

Videoinstalação (caixa com relógio de pulso e fotografia)

Projeção, 2 canais, cor, som, 42"

51 x 29 x 20 cm

anamorfose n. 2 (sequencialidade), 2020

Instalação (acrílica branca sobre espelhos)

100 x 100 cm (cada)

morani

morani

Rio de Janeiro, 1997
@matheusmorani

morani significa guerreiro e eu sou filho de três.

Nascido em Nilópolis, na Baixada Fluminense, em 1997.

Procuro ocupar-me do exercício contínuo de implicação no/ao mundo como orientador do gesto artístico, delineando uma prática de experimentação outra com (o avesso d) a linguagem. Aqui, a fronteira se torna encruzilhada por virada ontológica quanto ao paradigma ético que a constitui: através da palavra encarnada pela minha própria língua. Debruço-me sobre o intento de refigurar o lugar da negridade não mais como espaço de alteridade ou

identidade/diferença cultural entendido pelos parâmetros do sujeito moderno ocidental, mas como epistemologias e im/possibilidades criativas autônomas e polifônicas.

Entre formações institucionais, incluem-se a graduação em História da Arte pela Escola de Belas Artes da UFRJ (2021), assim como experiência profissional como arte-educador no MAC Niterói (2018-2019) e EAV Parque Lage (2018), como pesquisador de iniciação artística cultural em Artes Visuais/Escultura pela UFRJ (2020) e no núcleo de filosofia política africana do Geru Maa/UFRJ (2019). Participei do Programa Anual de Residência Internacional no CAPACETE (2019) e da residência Intervalo Fórum de Arte PPGAV/UFBA e Goethe Bahia (2020), em exposições nacionais (A Gentil Carioca, Paço Imperial, Museu da República, entre outros) e internacionais.





LA

*faça de mim uma gata que sempre
questiona, 2021*

Videoperformance

10'

Patfudyda

Patfudyda

Rio de Janeiro, 1993

@patfudyda

Artista da dança, performer, artista visual.

Nascido e criado em Vigário Geral, subúrbio do Rio de Janeiro, sua primeira referência artística surge na infância com sua família. Com incentivo do pai, inicia seus estudos em dança ainda criança. Projetando futuros antes sonhados.

Graduando em Dança pela UFRJ. Constrói estratégias e coreografa ações para escapar das representações. Através de práticas indisciplinadas, suas criações provocam acidentes entre as linguagens na dança, teatro, performance e artes visuais, investindo na percepção de si como um ca-

minho possível de sonhos musculares. Através de outras perspectivas, novas visões de si.

Seu trabalho é também uma obsessão em adentrar camadas do invisível, habitando as fragilidades, acúmulo de movimentos que desejam borrar certezas e disputar narrativas. Trair as palavras e produzir imagens para tocar com os olhos.

Movida pelos desafios de tensionar o presente, desde 2017 tem apresentado seus trabalhos em galerias de arte, festivais nacionais e internacionais como Pivô Satélite, Festival Panorama, ArtRio, Exposição Presença, HOA ART, Artfizz. Entre seus trabalhos mais recentes, destacam-se a trilogia *Repertório*, em parceria com o artista Davi Pontes, que esteve na mostra VERBO, da Galeria Vermelho; Valongo Festival Internacional da Imagem, em São Paulo; Segunda Preta, Belo Horizonte; e Anita Schwartz Galeria de Arte, Rio de Janeiro.



BE



LA

Postura e proceder, 2021

Fotografia
110 x 90 cm

Paulo Vinicius

Paulo Vinicius

Rio de Janeiro, 1984

@monstropreto / @pauloviniuxx

Para os manos do Saci, do Varela e do outro lado. Não é só esforço, rapaziada, e o desempenho é fundamental. Para os manos que vendem água no sol e me veem direto na pista. Para os manos que dormem em frente aos caixas 24 horas. Para os seguranças da UPA de Costa Barros. Para os manos atrás das grades e para o meu irmão. Para os pichadores e para os cara que trabalha no lava jato da Pedreira. Para os manos que vende marmita na rua, para os mototáxi e os entregador. Especialmente para a minha família, minha filha e por mim. Para os trabalhadores em geral. Eu até já fiz umas paradas maneiras na arte,

desde cedo, poli muito carro quando trabalhava na oficina do meu tio. Esses curadores brancos de arte de agora estão querendo encontrar portfólios bonitos e um currículo bom. Eu não tô nem aí pra isso. Compromissado com a minha quebra, organizado e avançando, com habilidade e estilo. Melhores condições de vida pra nós. Fundamento, proceder, futuro e educação.





BE

LA

Anomia - Nomeações do impossível, 2021
Videoprojeção, animação 2D
Painel branco e vidro, 60'

Pedro Moraes Barroso

Pedro de Moraes Barroso

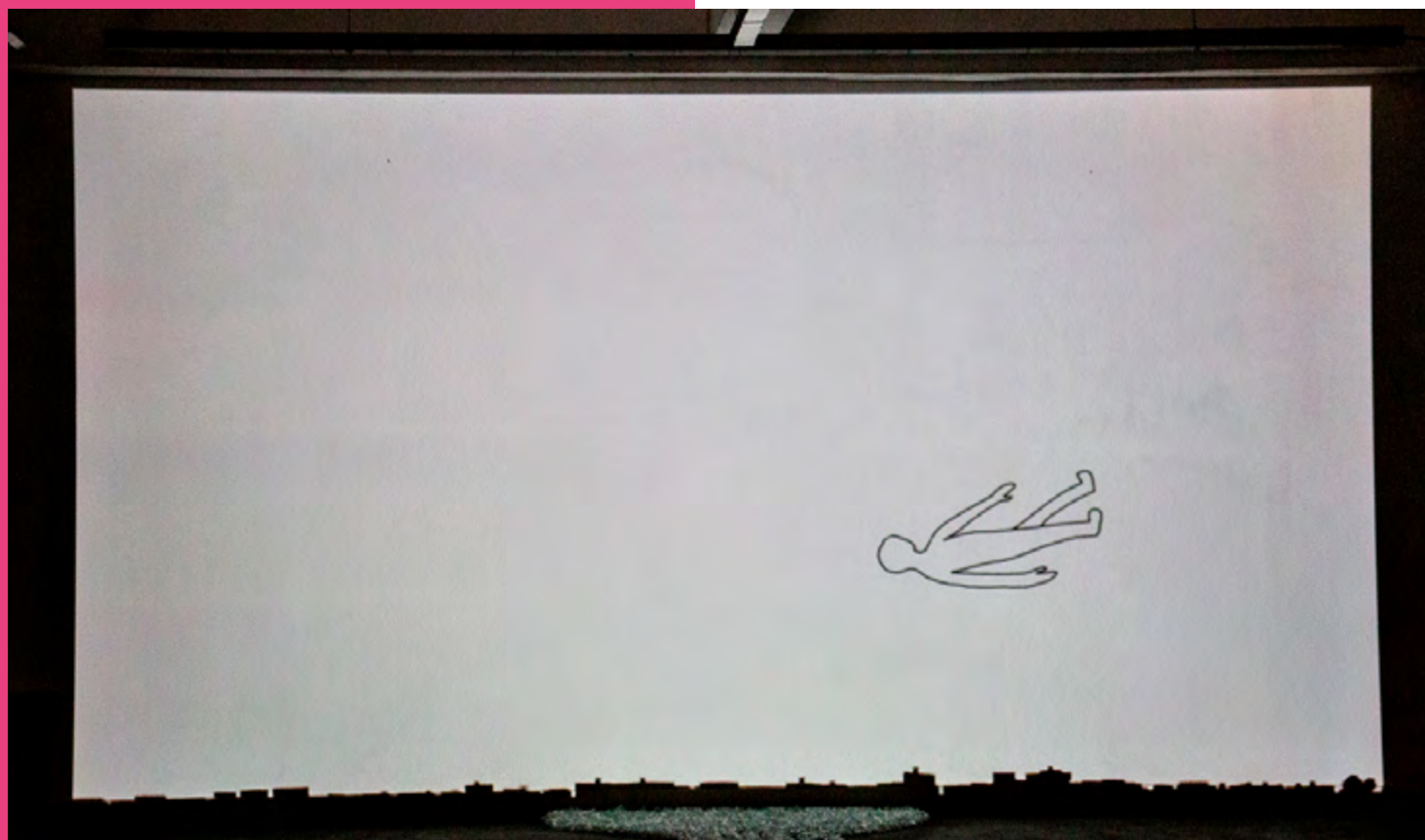
São Gonçalo, 1995
@pedromaisumpedro

Nascido e criado em São Gonçalo, é um artista que transita entre o áudio, o visual, a linguagem e a psicanálise.

Iniciou sua trajetória acadêmica na Faculdade de Letras da UFRJ em 2014, onde descobriu que as palavras não davam conta do que precisava buscar. Encontrou o audiovisual através da Oficina Cinemaneiro, voltada

para jovens moradores de periferia, e se apaixonou pela possibilidade de recriar imagens e imaginários. De lá pra cá, formou-se em Cinema e Audiovisual pela Escola de Cinema Darcy Ribeiro, Projeto 5 Visões e Polo Ponto Cine. Atualmente é formando em Psicanálise Clínica pela Terapretas.

Sua pesquisa é atravessada por temas como corpo, gênero, imagem, desejo, memória e sonho.



BE



LA

os algozes e os amantes, 2021

Fotografia digital

60 x 60 cm

rafael amorim

rafael amorim

Rio de Janeiro, 1992
@germedemundo

Artista graduado em Artes Visuais/Es-cultura pela Escola de Belas Artes da UFRJ, além de poeta e autor do livro *Como tratar paisagens feridas* – vencedor da categoria Novo Autor Fluminense na 4ª edição do Prêmio Rio de Literatura.

Morador de Padre Miguel, Zona Oeste carioca, investiga a relação entre palavra e imagem como construção para outras visualidades no território urbano, sobretudo em zonas não centrais da cidade. Além de olhar mais aten-

tamente para os invisíveis nesses territórios e para a reorganização de signos comuns aos subúrbios.

Foi curador de Terreno Baldio: Experiência n.1, na Pinacoteca da UFV, MG, em 2019; e de Escrevo para me Percorrer, no Centro Cultural da Justiça Federal, RJ, em 2018. Participou também como proposit- or da residência Terreno Baldio: Experiência n.2, no Centro Cultural da UFMG, Belo Horizonte, em 2019, e no mesmo ano atuou como bolsista do Programa de Formação Gratuito da EAV Parque Lage, no Rio de Janeiro.



BE



LA

Quem é a mãe do sol, 2021
Da série Histórias da terra do sol
Técnica mista sobre tela
200 x 260 cm

O sol vai me salvar da fúria do desamor, 2021
Da série Histórias da terra do sol
Técnica mista sobre tela
71 x 88 cm

Sem título (Serpente), 2021
Da série Histórias da terra do sol
71 x 88 cm

Rafael Simba

Rafael Simba

Rio de Janeiro, 1998
@simbalifemec

Artista plástico e visual com foco em pinturas, desenhos e esculturas (máscaras). Nascido no Morro do Tuiuti, no bairro de São Cristóvão, passou pela Baixada, Zona Oeste e depois voltou para o morro do Tuiuti, onde mora até hoje. Tem forte influência do avô na arte, e de sua mãe, avó e tia nas suas pesquisas sobre a espiritualidade e a psiquê humana.

Desde 2017, passou por ONGs como Oi Kabum! Lab e Spectaculu, buscando encontrar em trocas e linguagens

formas de se conectar com a arte. É bolsista desde 2019 no curso de extensão "Pintura além da tela", na EAV Parque Lage.

Sua pesquisa é uma busca por criar a junção de figuras, personagens negros e suas histórias, com outro universo. Que universo é esse? Uma eterna construção que o acompanha enquanto viver, uma mistura de inconsciente, sonho, talvez seja até ousado dizer, um outro planeta. Usa formas, figuras e movimento para materializar a energia e a espiritualidade dessas figuras e histórias reais em outra realidade. Parte disso sob influência do trabalho do Jorge Ben Jor. Suas músicas e seus heróis, como Fio Maravilha e Xica da Silva, conduzem o artista a um norte onde pode seguir com suas narrativas.



BE



LA

O homem sem saia, 2021
Videoperformance, 6'13"

Essa saia te lembra o quê?, 2021
Videoperformance, 2'00"

Sobre saia, 2021
Fotografia

Filmagem e fotografia: Thiago Maia
e Dayana Sabany

Simonne Silva Alves

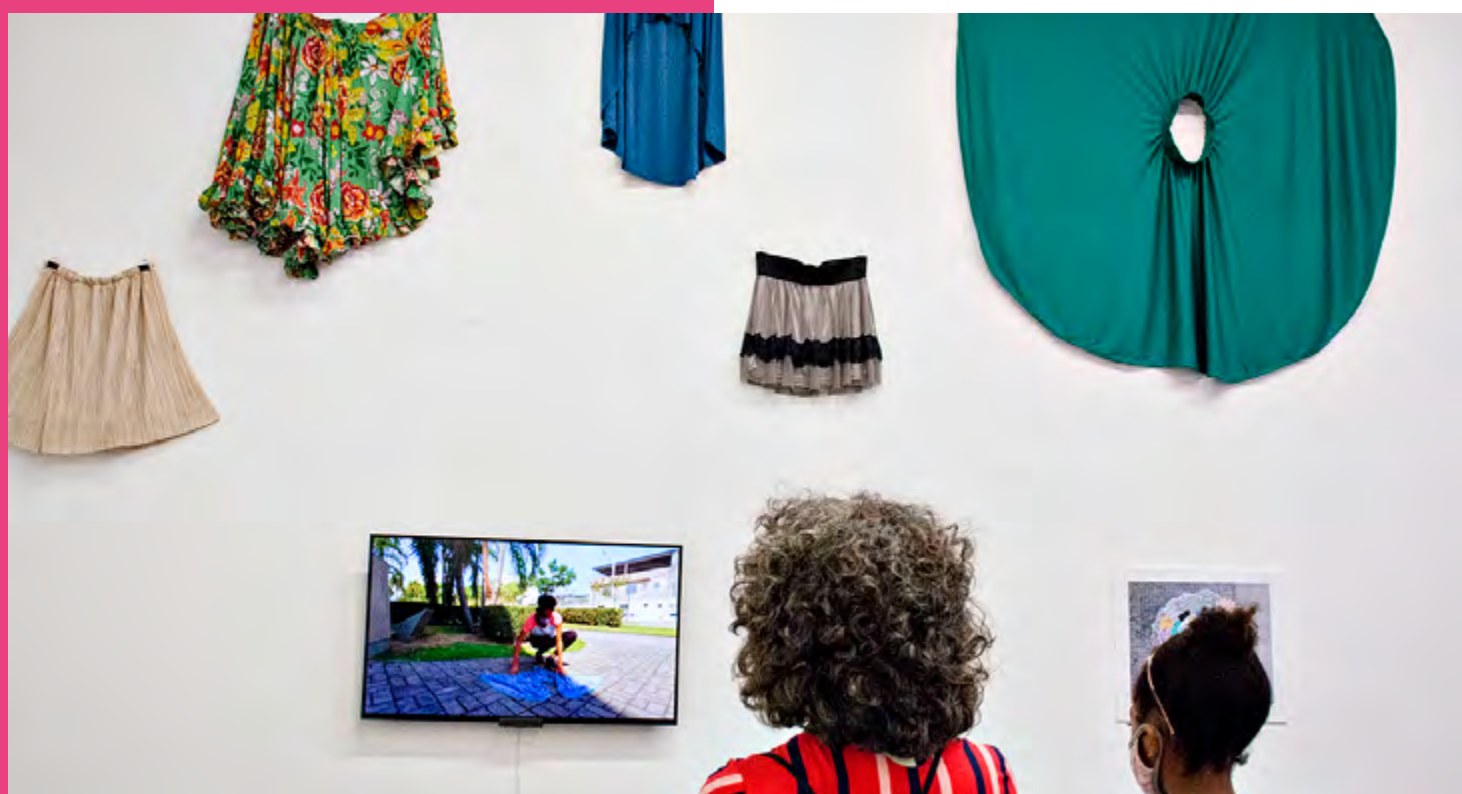
Simonne Silva Alves

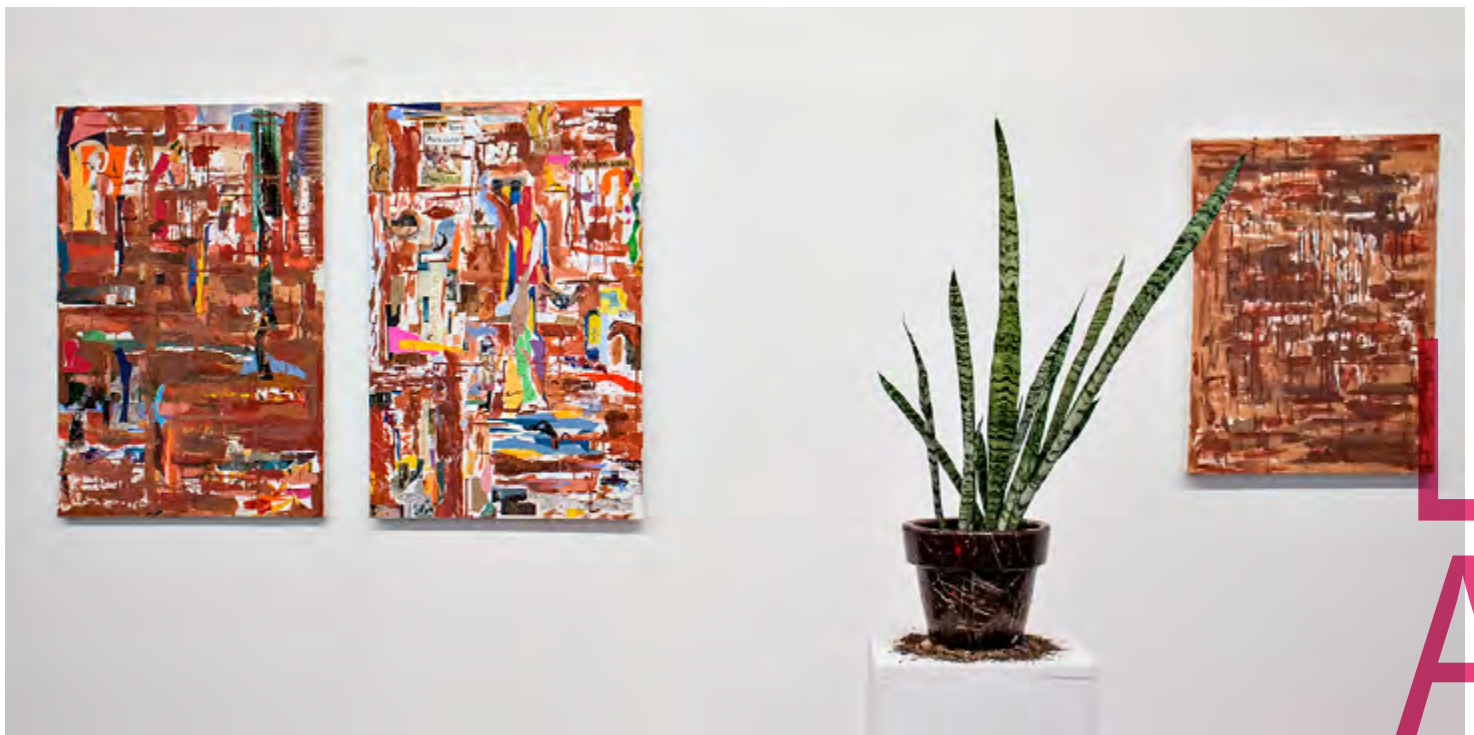
Rio de Janeiro, 1990
@rubiisi

Artista, intérprete-criadora em dança, cantora e compositora. Moradora de Madureira, Rio de Janeiro, suburbana de natureza. Mestranda em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ. Licenciada em Dança pela UFRJ (2019). Cofundadora do projeto Mulheres Ao Vento (MAV) – projeto de dança multilinguagem que dialoga através da cultura afro-brasileira com o cotidiano das mulheres na Maré.

Desde cedo, desfrutou da cultura que seu bairro oferecia: do popular ao hip-hop. A dança a levou a descobrir a cidade para além do bairro, o que fez com que descobrisse mais sobre si

mesma. Sempre participou de projetos sociais e aprendeu a olhar para as artes de forma interligada, por um viés transformador. Dançar, para a artista, não se resume ao seu corpo, trata-se da conexão com pessoas e espaços em um tempo outro. A dança é um movimento de potencialização de discursos, de corpos políticos e resilientes. Seu eixo de pesquisa é seu próprio significado de vida, fala de subjetividades negras, danças populares afro-brasileiras e narrativas de vida de mulheres em contexto periférico. Seu trabalho é diálogo e crítica sobre símbolos e significados atribuídos ao elemento “Saia”. A “Saia” é apresentada como um elemento de escuta complementar do outro. Múltiplos são os debates que podem ser permeados por ela: a “Saia” poderia ser uma possibilidade de subverter realidades? De desestabilizar o dualismo presente entre masculino-feminino? Poderia ser a “Saia” um elemento libertador nos debates sobre masculinidades outras e até mesmo sobre a relação de cuidado?





A terra que eu te encontro é a mesma que você me encontra, 2021

Acrílica, guache e PVA sobre tela
50 x 70 cm

Natureza que nasce e morre: o feio e o belo coexistem

Você também sou natureza, 2021
Acrílica, guache, PVA e colagem sobre tela
60 x 90 cm

A liberdade é também o não saber, 2021

Acrílica, guache, PVA e colagem sobre tela
60 x 90 cm

Taísa Vitória

Taísa Vitória

Rio de Janeiro, 1999

@taisavitoria

Educadora e artista visual multilinguagem, com enfoque em colagens, desenhos e pinturas. A partir de processos intuitivos de composição de imagens e materiais, utiliza técnicas artesanais para produzir colagens em diferentes suportes.

O bairro de Jacarepaguá, onde vive, é uma referência em termos de deslocamento e construção de sua poética e de seu universo sensível: a natureza, a serra, os quilombos, a Colônia Juliana Moreira e a identidade do bairro. Por isso, pesquisa o Museu Bispo do Rosário e as relações territoriais que estabelece com os moradores do bairro Colônia. A obra do Bispo do Rosário é também importante para pensar a reconstrução do mundo, materiais e

técnicas utilizados no trabalho e o próprio reconhecimento de si como artista. O Bispo também é uma referência filosófica.

Em seus trabalhos e nas suas pesquisas acadêmicas, enquanto estudante de graduação em Ciências Sociais na UFRJ, vem desenvolvendo abordagens sobre gênero, em especial sobre masculinidade negra. Durante a iniciação à docência em Sociologia para alunos da rede estadual de ensino, voltou-se para os eixos de gênero, sexualidade e identidade com a interface das artes visuais e mídias digitais como ponto de contato com a temática abordada. Reforça a importância da arte como comunicadora e educadora, além de fortalecer processos de subjetivação de si no mundo.

Participou das exposições Arte como Trabalho (2021) e Uma Outra Casa (2020). Atualmente, faz parte do coletivo ColaJ-PA, com a artista Thainara Vitória, também de Jacarepaguá.



FICHA TÉCNICA

GALPÃO BELA MARÉ

Direção

Observatório de Favelas

Elionalva Sousa Silva

Isabela Souza

Raquel Willadino

Parceria

Automatica

Coordenação

Isabela Souza

Curadoria

Jean Carlos Azuos

Produção

Jefferson dos Santos

Programa Educativo

Coordenação

Érika Lemos Pereira

Educadoras

Caju Bezerra

Napê Rocha

Educadora Jovem

(Articulação e Mobilização Territorial)

Gabi Vidal

Zeladoria e Limpeza

Alan Furtado Rocha

Maria do Perpétuo Socorro Costa

José Francisco de Souza Lima

Comunicação

Coordenação

Priscila Rodrigues

Comunicador

Nyl de Sousa

Assessores de Imprensa

Tiago Alves Pereira

Dona Comunicação

Designers

Marcella Pizzolato

Taiane Brito

Gestão Administrativo-financeira

Sarah Horsth

ELÃ

Escola Livre de Artes – 2020/2021

Realização

Observatório de Favelas

Parcerias

Automatica

Global GRACE

Promundo

Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio

UNIperiferias – IMJA

Apoio

Samambaia Filantropias

Coordenação Pedagógica

Gleyce Kelly Heitor

Educadores/as

Eloisa Brantes

Jean Carlos Azuos

Luiza Mello

Marisa Mello

Mulheres de Pedra
Pâmella Carvalho
Rafa Éis

Avaliação Pedagógica

Natália Nichols

Acompanhamento Pedagógico

Andréa Gill

**Cobertura Fotográfica
da formação e da exposição**

Marcia Farias / Imagens do Povo

Montadores

Jorge Claudio da Silva Nascimento
Thiago de Souza Hortala

Revisão de textos

Duda Costa
Versão em espanhol Julimar Mora Silva
Versão em inglês Thiago Alves Braz
Revisão da versão em inglês Andrea Gill

Agradecimentos

Lanchonete Lanchonete

**EXPOSIÇÃO
MASCULINIDADES
EM DIÁLOGO**

De 8 de maio a 12 de junho de 2021

Artistas

Abimael Salinas
Ana Bia Novais
Davi Pontes
Loo Stavale
morani
Patfudyda
Paulo Vinicius
Pedro de Moraes Barroso
rafael amorim
Rafael Simba
Simonne Silva Alves
Taísa Vitória

Organização e Produção

Automatica
Observatório de Favelas | Galpão Bela Maré

Design Gráfico

Observatório de Favelas

Audiovisual

Boca do Trombone

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Exposição masculinidades em diálogo [livro eletrônico] : 2020-2021 / [coordenação Isabela Souza ; curadoria Jean Carlos Azuos]. -- Rio de Janeiro : Observatório de Favelas : Escola Livre de Artes, 2021.
PDF

Vários autores.
Vários colaboradores.
ISBN 978-65-87016-04-7

1. Artes 2. Diálogos 3. Identidade de gênero
4. Masculinidade 5. Periferias urbanas I. Souza, Isabela. II. Azuos, Jean Carlos.

21-85165

CDD-730.920981

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes : Brasil : Exposições : Catálogos
730.920981

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

APOIO INSTITUCIONAL:



Itaú Cultural



APOIO:

Samambaia:
filantropias

PARCERIAS:



UNIPERFERIAS



Centro de Estudos Sociais
UNIVERSIDADE DE LISBOA



UK Research
and Innovation

PRODUÇÃO:



REALIZAÇÃO:



BE
LA
MARE

GLOBAL grace

B

E

बि

L

A

ARTISTAS

Abimael Salinas

Ana Bia Novais

Davi Pontes

Loo Stavale

morani

Patfudyda

Paulo Vinicius

Pedro de Moraes Barroso

rafael amorim

Rafael Simba

Simonne Silva Alves

Taísa Vitória

ISBN: 978-65-87016-04-7

